



Consciência de classe proletária potencial e professores da educação básica: relatos e possíveis relações

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza¹

José Luís Vieira de Almeida²

“*Eu quero é botar meu bloco na rua
Brincar, botar pra gemer
Eu quero é botar meu bloco na rua
Gingar, pra dar e vender*”³
(SÉRGIO SAMPAIO, 1972, grifo nosso)

“Proletários de todos os países, uni-vos!”
(MARX; ENGELS, 2010, p.69)

Resumo

Este artigo tem como objetivo principal relacionar os relatos de duas professoras-proletárias que realizam suas práxis no ensino público do Estado de São Paulo, Brasil, e a possibilidade de desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial. Os pressupostos teórico-metodológicos que subsidiaram nossa análise estão baseados na perspectiva da tradição marxista, e no método do materialismo histórico-dialético. Partir e retornar ao real de modo mais complexo, tendo como fio condutor de nossa análise, o trabalho. Este estudo não só denuncia parte das condições precárias em que muitos docentes da Educação Básica realizam suas atividades, mas também aponta para a necessidade de união do proletariado contemporâneo, para o desenvolvimento de sua ação e consciência de classe a fim de se contrapor e superar as estratégias reprodutivas impostas pelo capital à sociedade. Além disso, este trabalho nos despertou para outra curiosidade epistemológica: a de verificar em que medida a realidade particular retratada neste estudo também poderá se repetir em outros países da América Latina.

¹ Doutora em Educação Escolar pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara-SP - FCL - UNESP. Realiza pesquisa na área de Fundamentos da Educação, tem como objeto de estudo a memória-trabalho e política de professores da Educação Básica e a categoria consciência de classe proletária potencial. Possui experiência na Educação Básica e como docente no Ensino Superior público. Atualmente, é professora no Centro Universitário do Norte Paulista - UNORP, em São José do Rio Preto-SP.

² É mestre em Educação, pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP (1988), e doutor em Educação, pela Universidade de São Paulo USP (1997). É professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de São José do Rio Preto, desde dezembro de 1991. É também professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Campus de Araraquara, da mesma Universidade. É líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Ontologia do Ser Social GREOSS e faz parte do grupo Formação Docente e Práticas Educativas. Nos últimos 15 anos, investiga a relação entre a Ontologia do Ser Social, Ensino e a Educação, com ênfase na crítica da escola burguesa e no exame da mediação no âmbito da Educação e Ensino, sobretudo a escolar.

³ Trecho da música “Eu quero botar meu bloco na rua”, do compositor e intérprete Sérgio Sampaio, álbum que foi lançado em plena ditadura militar, em 1972, no Brasil. Em “anos de chumbo”, de violência, opressão, é comum músicos, por exemplo, utilizarem metáforas em suas letras, a fim de manifestarem suas revoltas, indignações de forma metamorfoseada. O trecho selecionado ajuda-nos a compreender a categoria *consciência de classe proletária potencial* que tem seu ponto de partida no indivíduo e que será abordada em nosso estudo. Letra disponível em: <<https://www.letras.mus.br/sergio-sampaio/236958/>>. Acesso em: dez. 2017.

Palavras-chave: Consciência de classe proletária potencial. Consciência de classe em si e para si. Professor da Educação Básica. Proletariado.

Consciencia de clase proletaria potencial y profesores de la educación básica: relatos y posibles relaciones

Resumen

Este artículo tiene como objetivo principal relacionar los relatos de dos profesoras-proletarias que realizan sus praxis en la enseñanza pública del Estado de São Paulo, Brasil, y la posibilidad de desarrollar una conciencia de clase proletaria potencial. Los presupuestos teórico-metodológicos que subsidiaron nuestro análisis se basan en la perspectiva de la tradición marxista, y en el método del materialismo histórico-dialéctico. Partir y regresar al real de modo más complejo, teniendo como hilo conductor de nuestro análisis, el trabajo. Este estudio no sólo denuncia parte de las condiciones precarias en que muchos docentes de la Educación Básica realizan sus actividades, pero también apunta a la necesidad de unión del proletariado contemporáneo, para el desarrollo de su acción y conciencia de clase a fin de contraponerse y superar las estrategias reproductivas impuestas por el capital a la sociedad. Además, este trabajo nos despertó a otra curiosidad epistemológica: la de verificar en qué medida la realidad particular retratada en este estudio también podrá repetirse en otros países de América Latina.

Palavras-clave: Conciencia de la clase proletária potencial. Conciencia de clase en sí y para sí. Maestro de Educación Básica. Proletariado.

Potential proletarian class consciousness and teachers of basic education: stories and possible relationships

Summary

This article has as main objective to relate the reports of two proletarian teachers who carry out their praxis in the public education of the State of São Paulo, Brazil, and the possibility of developing a potential proletarian class consciousness. The theoretical-methodological assumptions that support our analysis are based on the perspective of the Marxist tradition, and on the method of historical-dialectical materialism. To leave and return to the real in a more complex way, having as the thread of our analysis, the work. This study not only denounces part of the precarious conditions in which many Basic Education teachers carry out their activities, but also points to the need for the union of the contemporary proletariat to develop its action and class consciousness in order to counteract and overcome reproductive strategies imposed by capital on society. In addition, this work has awakened us to another epistemological curiosity: to verify to what extent the particular reality portrayed in this study may also be repeated in other Latin American countries.

Keywords: Potential proletarian class consciousness. Class consciousness in and for itself. Teacher of Basic Education. Proletariat.

Introdução

O propósito deste trabalho é estabelecer relações entre os relatos de duas professoras-proletárias, que serão apresentados mais adiante, e a possibilidade de desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial⁴ (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017). Dar voz aos professores, às suas lutas e dores, eis outro objetivo deste estudo.

A respeito dos aspectos metodológicos, este artigo será desenvolvido na perspectiva do materialismo histórico-dialético⁵, o que implica partir e retornar ao real de modo mediado, tendo como fio condutor de nossa análise, o trabalho, categoria fundante do ser social. Isso implica dizer que dar voz aos docentes lhes possibilita, ao mesmo tempo, denunciarem parte das condições precárias em que realizam suas práxis, e será a partir desse contato com a realidade singular de cada professora, que nos aproximaremos de uma compreensão do todo.

Uma das consequências do desenvolvimento da categoria – consciência de classe proletária potencial - é o aprofundamento do estudo da consciência de classe em si e para si (IASI, 2012). Nesse sentido, apresentaremos partes de uma das entrevistas⁶, realizada para a pesquisa de doutorado⁷, concluída em 2017, que se referem à voz de uma professora de História, identificada como Laura⁸, que atua numa escola da rede pública do Estado de São Paulo, Brasil. Também será apresentado o depoimento de Renata, docente de Sociologia, que militou na maior greve realizada pelos professores do Estado de São Paulo em 2015 e que totalizou 92 dias de paralisação. Tal depoimento foi escrito pela própria docente e publicado no *site* da Revista *Carta Capital*⁹.

⁴ De um lado, entendemos que a consciência de classe é um dos vieses da subjetividade do indivíduo, uma das formas de sua expressão, portanto, ela não define o sujeito histórico em sua inteireza. Por outro, a apreensão da consciência de classe em sua totalidade é algo impossível. Porém, nossa subjetividade é permeada por representações, ideias, que podem, ao mesmo tempo, sinalizar para pensamentos, atitudes que nos identifiquemos com as classes sociais. Da consciência, fenômeno fluido, que está em constante movimento dialético, podemos nos aproximar por meio da linguagem, que é a expressão dos pensamentos, e das ações praticadas pelos sujeitos em determinadas circunstâncias históricas.

⁵ Sobre uma discussão do método, o materialismo histórico-dialético, verificar em Marx (2008), *Contribuição à crítica da economia política*, e em Paulo Netto (2011), *Introdução ao estudo do método de Marx*.

⁶ Entrevistas foram feitas no transcorrer do ano de 2015.

⁷ A referida pesquisa contou com o financiamento da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), intitulada *A memória-trabalho e política de professores da Educação Básica e a consciência de classe proletária potencial* (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017).

⁸ Nome fictício da professora, a fim de proteger sua identidade. O depoimento de Laura é falado, diferente do discurso escrito por Renata e publicado no *site* da Revista *Carta Capital*. Essa observação é pertinente, pois ressalta as diferenças entre as modalidades escrita e falada.

⁹ Depoimento disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/2015/04/23/sou-professora-estou-em-greve-e-explico-o-porque/>>. Acesso em: out. 2016.

O relato de Renata é interessante, pois foi realizado no momento em que a greve continuava viva. Renata é docente da rede estadual paulista desde 2009, e teve sua identidade explicitada no *site* da revista. Ao longo de seu depoimento, ela menciona os motivos que a levaram a aderir à greve, circunstância que a coloca diante à possibilidade de desenvolvimento de uma consciência de classe em si¹⁰. É provável que tais motivos que conduziram Renata à paralisação nos sinalize parte das contradições, das forças motrizes, que podem impelir o indivíduo para algum desenvolvimento da consciência de classe.

O depoimento de Renata é reiterado, de algum modo, pela realidade escolar que vive Laura, e vice-versa. Suas falas se entrecruzam, dialogam, conversam.

As leituras, o estudo de campo (entrevistas semiestruturadas) feito para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado e o relato publicado por Renata nos permitiram chegar à categoria que fora defendida em nossa tese: a *consciência de classe proletária potencial*, que aprofundaremos no decorrer deste texto. Se a voz de Renata que estava em greve expressa certo otimismo, apesar do quadro que apresenta, a de Laura representa a vida de uma professora com mais de vinte anos de profissão, e que ora se mostra desacredita, ora evidencia alguma esperança de que nossa educação escolar possa se modificar.

As “conclusões” que serão aqui expostas significam nada mais que a necessidade de conclamar a união do proletariado contemporâneo, em especial, latino-americano, das frações de classe que, conscientes ou não, o compõe. Além disso, a possibilidade de desenvolver este estudo nos desperta para o anseio de ouvir outros professores enraizados¹¹ na América Latina.

1. Laura e Renata: as vozes representantes de muitos docentes

Compreendemos que um professor poderá em diferentes momentos de sua vida apresentar distintos graus¹² e formas de consciência de classe. Por exemplo, um docente, que não se encontra nos limites de sua sobrevivência, o que é difícil, mas esta situação pode acontecer, poderá durante boa parte de sua vida expressar uma consciência de classe burguesa, presente desde o âmbito familiar, almejando viver o mesmo estilo de vida, baseado na reprodução da propriedade privada, de um burguês. Além disso, tal professor poderá até mesmo agir de mo-

¹⁰ Consideramos que a consciência de classe em si (que compreende a ação reivindicatória do grupo) é também a expressão, num grau mais elevado, em comparação à consciência “individual”, de uma consciência de classe proletária potencial, pois ainda não representa a autêntica consciência de classe revolucionária, radical, para si (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017).

¹¹ Sobre o enraizamento, verificar em Bosi (2003), e em Freire (1978).

¹² Verificar em Lenin (2011), e em Freire (1978).

do indiferente, não questionando a venda de sua capacidade de trabalho ao capital, pois acredita que essa atitude é natural e não histórica, ou seja, passível de mudança.

Este mesmo professor poderá ainda expressar tal consciência de classe em outras situações cotidianas, quando desacredita de uma greve da categoria e decide não apoiá-la, mas antes age com desdém em relação aos colegas que dela participam, porque julga que não há alternativa para esta sociedade, que o próprio aperfeiçoamento do capital, ou o que é pior, que não há alternativa e se condena a uma atitude pessimista diante da vida. Ou, quando escolhe fazer parte de um aparelho ideológico¹³ como o próprio sindicato e decide favorecer os próprios interesses ou de um determinado grupo e não aqueles presentes na pauta de reivindicações da categoria em luta, neste caso, dos professores. Dito de outra forma, afirmamos que a consciência de classe burguesa pode se manifestar em nosso dia a dia de várias maneiras, em distintos momentos de nossas vidas. E enquanto não somos impelidos a uma luta radical contra o capital, o momento predominante¹⁴ é dado pela reprodução dessas e de outros graus da consciência de classe burguesa em nosso dia a dia.

O contrário também poderá ocorrer, e este mesmo professor poderá apresentar uma consciência de classe imediata, em si, dependendo das circunstâncias históricas, dos limites de sobrevivência, pois encontrará em outros colegas da categoria o mesmo descontentamento em relação às condições de trabalho, e mesmo que “direcionados” por um sindicato, eles decidem unir suas forças e revoltas e passam a lutar juntos, em grupo, a fim de reivindicarem melhores condições de vida, de trabalho, condições mais amenas de exploração, às personificações do capital, ao outro, pois na expressão da consciência de classe em si, quem reivindica, ainda demanda alguma coisa a alguém, ainda é o outro que poderá resolver, por nós, parte de nossos problemas (IASI, 2011). No entanto, lembramos que a relação entre os limites de sobrevivência de um proletário e algum desenvolvimento da consciência de classe em si ou para si não é automático.

Portanto, em diferentes circunstâncias de nossa existência, poderemos explicitar formas e graus de consciência de classe, e afirmar que um professor tem ou não uma consciência de classe em si ou burguesa, estando ele no Brasil, ou em qualquer outro lugar do mundo, é uma atitude arriscada, mecanicista, e certamente incorrerá em enganos, pois a consciência é relacional, resultante de um processo histórico-dialético que tem sua força motriz nas condições da realidade social. Além do mais, as formas de consciência, proletária e burguesa,

¹³ Sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), verificar em Althusser (1980).

¹⁴ Verificar sobre esta categoria em Lessa (2011-12). Artigo disponível em: <http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/momtpredo_2012.pdf>. Acesso em: jul. 2017.

somente se explicitam, de fato, nos embates históricos, nos momentos em que eclodem as lutas de classes. Exceto tais circunstâncias, ressaltamos que as formas e graus de consciência existem *potencialmente*.

De acordo com Thompson (2001, p.270, grifo do autor),

- 1) Classe, na minha prática, é uma categoria *histórica*, deriva de processos sociais através do tempo. Conhecemos as classes porque, repetidamente, as pessoas se comportaram de modo classista. Este andamento histórico gera regularidade de respostas em situações análogas e, em certo nível (o da formação ‘madura’ das classes), permite-nos observar o nascer de instituições e de uma cultura com traços de classe passíveis de uma comparação internacional.

Se a classe é uma categoria histórica como menciona Thompson (2001), que se desenvolve por meio do tempo e pelo homem mesmo, por meio de suas interferências na realidade, seu modo de agir também se refletirá em sua consciência. Exemplificamos no início deste trabalho, como um docente poderá se comportar de modo classista e reproduzir distintos estados de consciência em sua vida.

Ainda em relação ao autor *supra*, este compreende que a classe para efetivamente existir, pois não é dada *a priori*, é fundamental outra categoria: a luta de classes. No processo histórico, o autor menciona “[...] que classe e consciência de classe são sempre o último estágio de um processo real” (THOMPSON, 2001, p.274). Portanto, reafirmamos o que foi dito anteriormente sobre a existência das formas de consciência de classe: estas existem, mas na ausência dos embates históricos, se expressam potencialmente.

Os estados de consciência também podem progredir ou “regredir”, e isso quer dizer, por exemplo, que um indivíduo após uma greve retorna exclusivamente ao seu cotidiano, mesmo que não seja mais o sujeito de antes, buscando “um novo ponto de integração nesta mesma ordem” (IASI, p.11, 2008).

Nesse sentido, o que podemos afirmar certamente é que o professor, parte do proletariado contemporâneo, ou da classe em si e para si (IASI, 2012), da classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2005, 2009, 2011), não tem uma consciência de classe para si. Esta até teve seus “ensaios” no decorrer da história, mas, de fato, nunca se expressou por meio do ser social.

Assim, analisaremos a que formas de consciência de classe, potencialmente, podem se aproximar as professoras Laura e Renata. Seus relatos representam, simultaneamente, vozes que expressam não só as suas condições de trabalho, mas igualmente as situações em que atuam milhares de outros professores da rede estadual paulista, quiçá de outros países da Améri-

ca Latina. E mais, suas falas reproduzem outra faceta das lutas de classes¹⁵ em nossa sociedade.

No trecho abaixo, Renata rememora e denuncia as condições em que já trabalhou, enquanto professora contratada, porém nesta situação ainda muitos docentes exercem a sua prática. Ela nos expõe o quadro da divisão social do trabalho que se reproduz dentro das escolas estaduais paulistas.

[...] já mergulhei na divisão em ‘categorias’. Entrei como ‘categoria L’, ou seja, não-concursada, e pegava apenas aulas que ‘sobravam’ dos efetivos. Essa categoria não existe mais, foi substituída pela ‘categoria O’, onde está a maioria dos contratados. A categoria ‘O’ é o que há de mais precário na rede: só pode ter duas faltas por ano, não tem direito a usar a assistência médica do estado (Iamspe), não tem direito à aposentadoria profissional (SPPrev), após um ano de contrato deve cumprir ‘geladeira’ por 40 dias, e após dois anos de contrato deve cumprir a ‘duzentena’ (200 dias sem poder pegar aula, ou seja, quase um ano forçadamente desempregado). Nessa situação de ‘O’, estão ‘só’ cerca de 50 mil professores da rede estadual. Como alguns colegas me disseram: para o governo, ‘somos uma sopa de letrinhas’.

Para o governo, os professores enquadrados na “categoria O”¹⁶ são uma espécie de “cidadãos de segunda classe”. A “sopa de letrinhas” mencionada por Renata reflete também como o governo do Estado de São Paulo “organiza” e “reconhece” a educação escolar pública. Dentro da própria categoria dos professores, a divisão social do trabalho se revela complexa, podendo contrapor, professores contratados aos concursados, posicionando estes (com mais direitos) acima daqueles. Em outros termos, poderíamos denominar o professor “categoria O” como “trabalhador flexível”¹⁷. No entanto, ser “flexível” na perspectiva do capital não significa que o trabalhador necessita estar apto a exercer uma multiplicidade de funções, ou conformar-se às constantes mudanças que ocorrem no mundo do trabalho, pelo menos não é só isso, mas representa, em última instância, que o proletário precisará se submeter às condições mais adversas no âmbito do trabalho, se quiser sobreviver. Sobre o cumprimento da “quarentena” e da “duzentena”, o professor contratado, necessariamente, precisa se vincular a outras instituições escolares a fim de não ficar desempregado ao final de cada contrato.

Laura, que é concursada, também fala sobre o professor “categoria O”, e que este possui uma “vantagem”, em sua opinião, em relação ao docente efetivo.

¹⁵ Losurdo (2015).

¹⁶ Os professores “categoria O” foram equiparados aos professores efetivos no que se refere ao direito a férias, ao recesso escolar e as ausências serão registradas por ano letivo e não mais por contrato. Os contratos também tiveram seu prazo estendido de dois para três anos, após esse período é que o professor será afastado. Informação disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/governo-de-sp-equipara-aos-professores-temporarios-direito-a-ferias-e-falta-remunerada>>. Acesso em: fev. 2017.

¹⁷ O que não significa que o professor concursado também não o seja.

Ah, eles são vistos assim como... é... nossa, eu acho que o que ocorre, o tratamento que eles têm do Estado, se o tratamento que eu tenho é horrível, o deles é... seria um pouco pior. A diferença que eu acho é que... **eles**¹⁸... é... têm uma vantagem, eles podem sair fora a qualquer momento, [...] então, assim, eu acho que o sistema trata todo mundo igual a um lixo, [...], eu tenho dois alunos que são professores hoje de Matemática, [...] eles foram fazer Engenharia, eles estão no último ano de Engenharia, eles ficaram esse ano de ‘duzentena’, [...]. Eles foram pra rede particular, ficaram substituindo na rede particular, aí agora eles voltaram pro Estado, qual é o plano deles para o ano que vem? O ano que vem é abandonar de vez a carreira e seguir Engenharia, que eles já estarão formados. É errado? Não. Eles são jovens. [...] [...] A docência ela vai... [...] você vai fazer até que você encontre algo que te dê um retorno financeiro e um retorno **moral** também, um retorno respeitável perante a sociedade. Ninguém gosta de ter uma profissão que não é valorizada. Ninguém gosta de ser **impedido** de trabalhar, além de a gente não ter uma profissão valorizada, você é **impedida** de trabalhar, você é impedida de traçar um próprio projeto, de pensar por si própria, você é impedida na sala de aula por aquele aluno que quer usar o celular, [...], então, você é impedido de trabalhar, você é impedido porque você não tem os recursos, você é impedida porque você não tem a formação adequada, porque a escola não tá equipada, e você não é reconhecida, [...]. [...] por exemplo, assim, eu acho que nós estamos tão ruins, que eu não acho que nem o sindicato me representa, [...].

A respeito do professor “categoria O”, Laura, por um lado, acredita que o tratamento do Estado em relação aos professores não efetivos é pior ao que é oferecido aos docentes concursados, o que vem ao encontro da opinião de Renata. Por outro, o professor contratado, na visão de Laura, em decorrência de seu vínculo frágil, temporário, com o Estado, pode logo abandonar a docência, assim que encontrar um trabalho que lhe renda um salário mais alto, em que o profissional seja minimamente “valorizado”.

Embora as lembranças de Laura estejam carregadas de aspereza, suas palavras são duras, pois refletem a realidade de trabalho de uma professora-proletária, ao mesmo tempo, apontam para a situação de classe à qual Laura pertence, estando consciente ou não.

A professora expressa parte dos motivos de sua indignação e insatisfação diante à falta de “reconhecimento”, tão pertinente em sua fala, cuja desvalorização da categoria afeta os professores, sobretudo, moralmente.

Essa forma de Laura expressar seu descontentamento a respeito da educação escolar ofertada pelo Estado apresenta, contraditoriamente, nuances de uma consciência de classe burguesa, pois ela necessita que sua profissão seja “reconhecida”, mas do ponto de vista do capital, pois se trata de uma “valorização” que deve se dar, sobretudo, por meio da oferta de melhores salários. Aqui notamos como a possibilidade de desenvolvimento de uma consciên-

¹⁸ “Quanto à transcrição [da entrevista], algumas regras devem ser observadas: - [...] - *as palavras em negrito serão as de forte entonação*; [...]” (MATOS; SENNA, 2011, p. 104-105, grifos nossos). Artigo disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>>. Acesso em: mar. 2017.

cia de classe proletária potencial encontra limites, pois mesmo que Laura se vê “impedida” de realizar sua práxis educativa, a professora almeja um reconhecimento financeiro de sua profissão. No entanto, este mesmo descontentamento de Laura poderá se unir ao de outros docentes, em determinadas circunstâncias, levando-os à possibilidade de desenvolvimento de uma consciência de classe em si. O que gostaríamos de ressaltar diante à fala da professora são as nuances de consciências de classe distintas que podem se expressar potencialmente no ser social.

Retomemos o depoimento de Renata.

A gente leva um susto quando entra na rede. Na licenciatura, muito professor (que está sem entrar na sala de aula de ensino fundamental e médio há uns 15 anos) nos diz que o problema da escola pública são as aulas ‘tradicionais’, sem imaginação, sem criatividade. Que o problema está na forma de ensinar, ‘conteudista’ (com ‘decoreba’) e não ‘construtivista’ e por aí vai. Não é que essas coisas não sejam problemas, porém o buraco é mais embaixo. Vou explicar melhor: é certo que é difícil falar de Revolução Francesa para jovens que estão mais interessados em outras coisas (em muitas outras coisas), e que não veem como saber algo que aconteceu em 1789 possa fazer alguma diferença em 2015, por exemplo. Mas mais difícil ainda é conseguir falar 5 minutos em uma sala lotada com 40 jovens ou mais, em um dia de verão, com um ventilador apenas funcionando e sem água nas torneiras.

O início da fala de Renata mostra que, em determinados casos, a expectativa de uma professora, parece ter sido frustrada, quando ingressa e se depara com a realidade escolar da rede pública de ensino. Ali, se encontram professores afastados de suas atividades, por motivos que não serão discutidos aqui, e mais, docentes que por meio dos discursos disseminados nas políticas públicas, são transformados em seus próprios algozes, pois, ao mesmo tempo, que eles procuram as causas para justificar, ainda que de modo limitado, aquela realidade malograda que pode ser constatada em muitas escolas, fazem isso aderindo a um suposto discurso construtivista¹⁹ e por fim atacam a própria natureza da prática docente, assim como a função social da escola, que é a instituição, por excelência, responsável pela transmissão do conhecimento científico.

Mas não é só isso. Renata busca compreender as causas, as contradições, mais profundas, que a levaram aderir à greve, e que estão presentes nesse quadro caótico em que se encontra a escola pública estadual, e faz isso quando menciona as condições que lhes são impostas para que exerça sua práxis, quando denuncia a situação em que jovens “estudam” (40 alu-

¹⁹ Uma crítica sobre os vieses construtivistas no momento atual pode ser encontrada em Duarte (2008).

nos ou mais por sala), num dia de verão, tendo apenas um ventilador funcionando, e sem água nas torneiras.

Nestas circunstâncias, a professora expressa o quão difícil pode ser atuar na escola pública, e que para os alunos não faz muito sentido aprender em tais condições. E não mencionamos aqui a situação de vida em que se encontram tais jovens e docentes fora da escola, o que poderia agravar ainda mais este quadro.

Assim, Renata ao analisar as contradições presentes em sua realidade escolar, que é também a de muitos docentes, apresenta, neste momento, uma consciência de classe proletária potencial.

De acordo com Iasi (2014),

[...] a consciência de classe do proletariado é, da mesma maneira, algo em *potencial*, que se constitui no devir de sua luta contra a ordem capitalista ao mesmo tempo em que trava uma luta no terreno concreto da história, portanto dentro da sociedade que busca negar. Não pode, assim, ser reduzida aos interesses que sua posição na atual sociedade lhe atribui, muito menos ser reduzida àquilo que os indivíduos desta classe tomam como sua concepção de mundo, embora tenham neste solo um indicativo do seu grau de amadurecimento. (Ibidem, p.36-7, grifo nosso).

Como afirma o referido autor o desenvolvimento da consciência de classe é potencial e tem seu ponto de partida no indivíduo, em sua maneira de conceber, de existir no mundo, e nele interferir. A consciência de classe ainda está relacionada à posição social que o sujeito, ou, neste caso, o professor, ocupa na sociedade, na divisão social do trabalho, embora a tais aspectos tal consciência não pode se reduzir. A partir do que já comentamos sobre o desenvolvimento da consciência de classe, esta, a fim de se tornar visível na realidade, é necessário que esteja em unidade com as lutas de classes, impulsionadas pelas contradições presentes e reproduzidas neste modelo de sociedade em que (sobre)vivemos, a sociedade capitalista.

Prossegue Iasi (1999),

Este processo [da consciência] é ao mesmo tempo múltiplo e uno. Cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções de mundo até outras, vive subjetivamente a trama de relações que compõe a base material de sua concepção de mundo. (Ibidem, 1999, p.14)

A passagem acima justifica o exercício de análise das falas das professoras, com o objetivo de tentar uma proximidade com o real, pois compreendemos que para o desenvolvimento de uma categoria é fundamental considerar como critério de verdade a práxis (VÁQUEZ, 2011). Nesse sentido, observamos como cada docente apresenta parte de suas concepções ao exporem suas realidades de trabalho, como, de algum modo, expressam subjetivamente a tra-

ma das relações sociais que permeiam suas visões de mundo, resultantes também de sua vivência constituída a partir do cotidiano escolar. E assim delineamos seus processos de consciência, sempre de modo aproximado, pois tais processos ora fluem em direção a uma consciência de classe burguesa, ora tendem a uma consciência de classe proletária que se exprime potencialmente.

Observamos também nos depoimentos de Renata certa crítica à realidade social, pois a professora compreende, ainda que contraditoriamente, as condições de exploração em que trabalha. Além disso, seu relato expressa um posicionamento de classe, que parece tender em direção ao proletariado. Laura, de modo contraditório, também apresenta alguma criticidade em sua compreensão de mundo, pois se vê “impedida” de trabalhar, ao narrar os fatores que obstaculizam a realização de sua práxis.

Portanto, a consciência de classe proletária potencial (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017), entremeada a uma predominante consciência burguesa, se apresenta, descontinuamente, nos relatos de Renata e de Laura. E, dependendo das circunstâncias históricas, essa consciência potencial poderá se transformar numa consciência de classe em si, diante à possibilidade de Renata e Laura unirem seus descontentamentos aos de seus colegas da categoria, e, então, poderão agir e lutar juntos por uma escola pública de qualidade, por melhores condições de trabalho, por exemplo.

Constatamos que a consciência de classe proletária potencial é algo que antecede o desenvolvimento da consciência de classe em si, e por esta perpassa, e que aquela forma de consciência “individual” representa um ensaio à possibilidade objetiva²⁰ de realização da consciência de classe em si e para si.

Renata prossegue com a análise de sua realidade escolar, e o quadro que já parecia complicado, é ainda capaz de se tornar mais problemático.

Mas mais complicado ainda é lidar com bombas que explodem nos banheiros, brigas por motivos fúteis (escapei algumas vezes, e por pouco, de cadeiradas e de um soco na cara), fogo quase diário nas lixeiras, xingamentos variados (muitas vezes vindos dos pais dos alunos e não dos alunos), reclamações da coordenação e da direção de que você ‘não consegue controlar a sala’, como se esse fosse o único objetivo da nossa formação e trabalho. O buraco é mais embaixo quando você tem que lidar com alunos especiais em sala sem qualquer formação ou material próprio para isso (e junto com outros 40 jovens pedindo atenção); quando não tem como imprimir textos para leitura, imagens, ou mesmo provas, porque não tem toner nem folha de papel, e aí você imprime com seu salário; quando você tem que disputar a tapa com outros professores a única sala de vídeo que há na escola; quando você quer trabalhar em conjunto com outras disciplinas, mas não há tempo para conversar com os ou-

²⁰ Lukács e Schaff (1973).

tros professores; quando o mato da escola está altíssimo e não tem verba para cortar; quando não tem papel higiênico; quando ninguém limpou as salas porque as moças da limpeza são terceirizadas, a empresa declarou falência e elas não recebem salário há dois meses; quando a cozinha foi terceirizada e enquanto não chegam as novas trabalhadoras precarizadas os alunos tem que comer bolachas com manteiga; quando mais da metade de seus colegas toma estimulante ou fluoxetina para aguentar o tranco de dar aulas em duas ou três escolas diferentes, das 7h da matina às 23h; quando seu salário, mesmo trabalhando em duas escolas diferentes, cerca de 40 horas por semana (40 horas por semana são as cumpridas na escola, não as de preparação e planejamento de aulas²¹, correção de trabalhos – essas, me arrisco a dizer, ultrapassam esse tempo em umas 15 horas a mais), com cerca de 700 alunos, não chega a R\$ 2.600.

No relato de Renata, observamos que as lutas de classes poderão também se reproduzir entre professores e alunos, entre docentes e famílias dos estudantes, enfim, que, em determinados momentos, quando deveriam lutar juntos por condições adequadas para que a educação se realize, os protagonistas da escola acabam se contrapondo e transformando a sala de aula num verdadeiro “campo de batalha”, pois não são incomuns os xingamentos, as humilhações, as perseguições, o assédio moral²², nos ambientes escolares. E nos deparamos com mais um exemplo de luta entre frações do proletariado, e que a divisão social do trabalho pode fazer com que o oprimido reproduza, “hospede”, por meio de suas atitudes, o opressor (FREIRE, 2014).

Sabemos também que a situação é mais complexa, e que nestes casos de violência nas escolas não é apenas a divisão social do trabalho que favorece a contraposição entre docentes e alunos, mas as causas desses conflitos são determinadas pelas condições adversas da vida de cada um, e que acabam “explodindo” à sua maneira nas escolas.

Ao prosseguir Renata em seu depoimento, verificamos que a situação que já parecia difícil é capaz de piorar, e muito. Alunos com necessidades educativas especiais chegam às escolas, e os professores, na maioria das vezes, não estão preparados para atendê-los de forma adequada, nem mesmo a própria instituição escolar, e, além disso, a “inclusão”, que é algo importante, em tal contexto “ocorre” em salas de aula superlotadas, aumentando o sentimento de frustração e de impotência do professor, que em muitos casos gostaria de direcionar uma atenção especial às necessidades de seus alunos, mas devido às condições em que desenvolve sua atividade, não consegue realizar o que planeja.

²¹ O trabalho não pago do professor, que extrapola a sala de aula, também é mencionado pelos docentes entrevistados (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017).

²² A APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) disponibiliza em seu *site* uma cartilha aos professores e professoras sobre o Assédio Moral. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/busca/assedio-moral/>>. Acesso em: out. 2016.

Nessa perspectiva, a escola transforma-se também no lugar da “falta”. Falta praticamente tudo, tinta para impressão, infraestrutura apropriada ao processo de ensino-aprendizagem, profissionais e alimentação adequada, limpeza das salas de aula, a grama que não é aparada por falta de verba, chegando até mesmo faltar papel higiênico nos banheiros! A lista do descaso com a educação escolar pública, que tem várias de suas atividades terceirizadas, é extensa, e diante esse contexto, verificamos que falta, inclusive, o respeito aos professores e alunos. Mas o que nos é estranho é que reclamamos o óbvio.

Além disso, o uso de medicamentos entre os docentes não é algo incomum a fim de suportarem o seu dia a dia nas instituições, e a carga horária de trabalho a que precisam se submeter não se limita às horas cumpridas apenas nas escolas, pois os professores também realizam um trabalho não pago em suas casas, não remunerado, planejando aulas, corrigindo trabalhos, provas, o que não lhes ocupa pouco tempo. A questão da medicalização²³ não só de docentes, mas também de alunos nas escolas, é mais uma das consequências do fracasso escolar, do modo de se “organizar” a educação escolar pública, de como o capital se reproduz por meio da educação.

Eu já pensei assim, eu já tive propostas de escola particular, sabe, mas, assim, eu sou muito idealista, eu acho que o meu lugar ainda é na escola pública. Também agora já estou assim, vinte anos de carreira, vinte anos, faltando cinco, eu não vou ter idade, eu tenho esse dilema também, eu comecei cedo, eu não vou ter idade, eu não sei como isso vai ser resolvido, eu espero chegar aos vinte e cinco, depois que eu chegar aos vinte e cinco, quanto tempo eu vou ficar depois, ainda eu não sei se eu vou dar conta, porque os professores estão adoecendo... Eu me sinto doente, eu me sinto extremamente depressiva, entendeu, [...], então, assim, é **muito** angustiante, porque [...] [é] o descaso de tudo, o descaso do aluno, o descaso do Estado, o descaso da sociedade, que ainda não acordou pra perceber que ele... poxa que a Educação tá uma grande piada! E, e assim, essa culpabilização de profissionais, porque é o seguinte, quanto pior tá ficando, piores profissionais vão ingressar no magistério, por exemplo, hoje, com a cabeça que eu tenho hoje eu não faria, quando um aluno vem me perguntar, e geralmente são bons alunos, eu digo: ‘_Você escolhe se você quiser, as condições são essas’, entendeu, então, eu acho assim tá virando um ciclo que os bons alunos não vão, [...]... muita gente faz pra ter uma graduação, igual inicialmente eu pensei, daí dependendo da graduação, enquanto ele não achar emprego nenhum aí ele vai, é porque quando você fala socialmente que você é professora ‘_Nossa, coitada, tenho dó de você, você faz, nossa, eu não sei se eu faria’, então, você conviver todo dia, o aluno sabe disso, o pai do aluno fala isso pra ele: ‘_Nossa, não sei como teu professor te aguenta!’, quer dizer, você tem que **educar, cuidar**, [...], ensinar alguma coisa

²³ Verificar sobre esta questão em Guarido, Voltolini (2009). Artigo disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000100014&sa=U&ei=IQttU4K1OI2W0QWS1YGQAw&ved=0CEgQFjAHOAE&usg=AFQjCNE0HNoMfQWQP5Z8D9gLeGGoeTmMww>. Acesso em: nov. 2016.

teoricamente, o que te pedem é muito, é muito além daquilo que você como ser humano pode fazer numa classe de 40, 45 alunos.²⁴

Pelo menos vinte anos de sua vida, Laura já dedicou ao magistério. É difícil abandonar esta engrenagem construída arduamente pelo Estado, após tanto tempo dedicado à docência. E a professora tem outra preocupação, se completados os vinte e cinco anos, não sabe se vai conseguir se aposentar, se “libertar”, enfim, da escola. Porque ela também não sabe por quanto tempo mais vai suportar exercer sua práxis sob tais condições, e outra consequência decorrente desse quadro é o adoecimento dos professores (estresse, depressão, síndrome do pânico, etc.), como já mencionamos. Laura diz ainda que se sente extremamente depressiva diante o “descaso de tudo, o descaso do aluno, do Estado, da sociedade”. E existe ainda o discurso de culpabilização do professor, reproduzido pelo Estado, pela sociedade, pelos estudantes, e, inclusive, pelos próprios docentes. Em sua análise, Laura constata outra “sequela” da reprodução desse discurso que responsabiliza o professor por tudo de ruim que acontece na escola: cada vez mais, profissionais mal qualificados chegam à instituição escolar. Uma profissão relevante ao desenvolvimento de qualquer sociedade, mas que no Brasil, uma economia dependente do capital externo, que traz as marcas da colonização, da escravidão e do analfabetismo, persiste ainda tão pouco estimada.

O contexto desafiante apontado por Laura, trabalhar numa sala de aula com 40, 45 alunos, reafirma o que foi relatado por Renata anteriormente. Apesar de tudo, a professora ainda carrega certo idealismo, “eu acho que o meu lugar ainda é na escola pública”, uma esperança, mesmo que o Estado não a reconheça como professora, mesmo que o Estado trate com descaso seus professores.

Segue Renata,

[...]. O governador **Geraldo Alckmin** [grifos da reportagem], dando continuidade ao cuidadoso processo de destruição da escola pública iniciado nos governos anteriores, fechou cerca de 3.000 salas de aula (qualquer sala com menos de 30 alunos inscritos no começo do ano foi fechada e seus alunos redistribuídos em outras), extinguiu cargos de coordenação, remanejou funcionários que tinham mais de 20 anos de escola [...], cortou verbas (de pintura, jar-

²⁴ No trabalho de Oliveira (2005), intitulado *Regulação das políticas educacionais na América Latina e suas consequências para os trabalhadores docentes*, verificamos que o quadro de precarização da atividade educativa também se reproduz, em linhas gerais, em outros países da América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Peru, por exemplo) por meio da regulação das políticas educacionais. A partir da “regulação” de tais políticas, vinculadas a organismos internacionais, a autora verifica que por meio daquela ocorre, ao mesmo tempo, uma desregulamentação das condições de trabalho dos professores, sendo que estes passam a estar sobrecarregados, inclusive, com as funções de gestão da escola (consequência da descentralização dos sistemas de ensino). A precarização das condições de trabalho agrava também a compreensão do papel, da identidade do docente na instituição escolar (OLIVEIRA, 2008). De outro modo, o que está em discussão é o modo como o capital se reproduz, inclusive, por meio da educação, proletarizando professores.

dinagem, folhas de sulfite, papel higiênico, sabonete, toner, consertos em geral, infra-estrutura das salas, etc), forçou a duzentena na ‘categoria O’ e decretou ‘reajuste zero’ para os professores, sem cobrir sequer a inflação do período. Quer mais ou está bom? Ah, não tem como esquecer o famigerado ‘bônus’ cópia bizarra de uma política norte-americana de premiação de professores conforme resultados de alunos, resultado esse medido em uma prova apenas (ora, mas não éramos construtivistas?). Um bônus que pune escolas com problemas sérios (culpa dos professores?), e premia apenas parte da rede, como se apenas alguns colegas tivessem trabalhado e outros não. Dito isso, que solução temos nós, *profissionais da educação* [grifos nossos], a não ser entrar em greve?

Cerca de 3.000 salas de aula fechadas no ano de 2015. Isso igualmente nos permite entender que as salas não devem conter menos de 30 alunos, o que já é muito, mas que, pelo contrário, devem de fato permanecer superlotadas. Como foram acomodados os alunos remanescentes dessas salas fechadas²⁵? Em que condições estão estudando esses jovens, se é que isso é possível? E os professores, como exercem sua práxis em salas superlotadas? Essas ações de descaso do Estado reproduzem mais uma faceta desumana do capital, cuja relação entre pessoas assume a forma de relação entre coisas, e vice-versa.

Além disso, Renata explicita as contradições de mais um fracasso escolar: a política meritocrática do bônus, que não deixa de ser outra expressão das lutas de classes e a forma de essas lutas se reproduzirem na rede estadual de ensino. Agora, os conflitos se expandem e são colocados em contraposição não só professores, mas escolas contra escolas. Essas estratégias governamentais aplicadas acirram ainda mais esse conflito por meio da fragmentação da categoria, o que pode piorar a qualidade do ensino público, em que política do bônus não passa de mais um artifício a fim de cooptar escolas, diretores, coordenadores, professores, fazendo-os seguir à risca as políticas arbitrárias do governo a serem implantadas nas instituições da rede (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017).

As observações relatadas por Renata, considerando a forma como são expostas, expressam, de algum modo, uma consciência de classe proletária potencial. Outro fator importante e que enriquece a discussão, é que Renata se autodenomina uma “profissional da Educação”. Sim, compreendemos que todos os professores são profissionais, receberam uma formação específica para que fosse possível exercerem a docência, mas haveria limites nessa forma de identificar os docentes?

De acordo com Martins (2010), a representação – “profissionais da Educação” - foi adotada pelo *Documento de Referência para a Conferência Nacional de Educação* (Conae),

²⁵ A pauta de reivindicações da categoria foi publicada no boletim da APEOESP denominado *Informe Urgente* nº16, em 13 de março de 2015. Disponível em: < <http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/apeoesp-urgente/n-16-e-greve-professores-decretam-greve-por-tempo-indeterminado/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

realizada em 2010, em detrimento de “trabalhadores da Educação”. Ao adotar tal forma de identificar os docentes, o referido documento apresenta um posicionamento de classe, embora o faça de forma metamorfoseada.

Sabemos também que os docentes da Educação Básica, por todos os motivos que as professoras Renata e Laura tão bem expuseram até aqui, ao mesmo tempo, são proletários. Não possuem propriedade privada e são obrigados a vender sua capacidade de trabalho ao capital, transformando-a em mercadoria, se quiserem sobreviver. Estes são alguns traços que definem o proletariado (IASI, 2012). Portanto, as condições hostis de trabalho às quais estão submetidos milhares de docentes reforçam a tese acima, e muitos professores podem apresentar predominantemente uma forma de consciência que não corresponda à sua classe social, o que traz consequências para o desenvolvimento das lutas de classes. Essa relação entre ser e consciência não é automática, como mencionamos anteriormente, e diante a cisão, o enfraquecimento da categoria dos docentes, o que observamos é o processo de intensificação do *estranhamento* sobre a vida dos trabalhadores, a partir dos interesses reprodutivos do capital. Compreendemos que essa maneira de a subjetividade se realizar (uma consciência que não corresponde aos interesses de sua classe social) não é uma prerrogativa presente de modo absoluto na vida do indivíduo, pois apesar de Renata identificar-se como uma “profissional da Educação”, ficando presa aos limites da reivindicação por reajuste salarial, aceitando a continuidade de sua exploração pelo capital, o que se observa é um misto de formas de consciência de classe, burguesa e proletária potencial, pois o primeiro estado cerceia a docente à exploração, porém o segundo, sinaliza que algo está errado e que será preciso alguma luta da categoria para alterar aquela situação. Vimos por meio dos relatos que há instantes que um estado de consciência pode predominar no discurso e na ação da classe, ora outro, este fato reproduz o caráter contraditório presente em nossa sociedade.

Ao apreender parte das contradições de sua realidade escolar, Renata explica que para aderir à paralisação, os docentes em greve enfrentam alguns “desafios”.

Entrar em greve significa ter desconto de salário, ter faltas no prontuário, ter que repor as aulas em sábados, contraturnos ou recesso, ouvir de pais e alunos que ‘professor ganha bem, tem férias de 30 dias e reclama de barriga cheia’, ouvir de colegas de trabalho que ‘professor grevista gosta é de ficar dormindo em casa enquanto os outros trabalham’, visitar escolas com comando de greve e ter que explicar o que está fazendo para os policiais que a diretora chamou (não aconteceu comigo, mas com vários colegas), acompanhar as negociações na Assembleia Legislativa e na Secretaria de Educação, aguardando horas na chuva para ver o que o governo ofereceu e sair de lá chateado porque não querem nem conversar, ir a todas as Assembleias na sexta, com mais de 60 mil

professores, e nenhuma TV ou jornal dar sequer uma linha (e quando dá, não escuta nenhum professor, apenas reproduz a pauta do governo).

Verificamos como a imagem do professor, atualmente, assumiu formas negativas, pois é tido como um profissional que é “bem” remunerado pela atividade que exerce, etc. O mais preocupante nesse conflito de classes, é que aquela imagem é reproduzida pelo próprio proletariado, disseminada pelas famílias de estudantes, e o que é pior, pelos colegas da categoria.

Outro ponto interessante, destacado pela professora, se refere aos colegas que participaram dos comandos de greve e tiveram que explicar a policiais convocados, detalhe, pela própria diretora de uma das escolas visitadas, o que é que estavam fazendo por lá. Os professores, em boa parte, também acompanharam as “negociações” inócuas entre sindicato e Estado²⁶, personificado pelo Secretário de Educação, esperando pra ver o que o governo não ofereceu, pois nem sequer se dispôs a “negociar”. Um gesto que demonstra um desprezo pela categoria em questão.

Os docentes grevistas ainda se depararam com os boicotes da grande mídia “imparcial” que por meio de sua programação no ano de 2015 comandou maciçamente os protestos²⁷ que foram organizados a favor do processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT)²⁸, e, em contrapartida, a greve foi divulgada por meio de flechas de notícias. De fato, não é fácil estar em greve neste cenário. Os ataques e as estratégias para enfraquecer o movimento foram muitos, e um deles, como mencionou Renata, foi o corte de salários dos professores, o que fez com que a greve “sangrasse”.

Mas a paralisação de 2015 também teve seus pontos progressistas, de solidariedade de classe, diríamos assim, o que fortaleceu o movimento. Parte dos alunos e alunas das escolas públicas estaduais apoiaram os professores, como destaca Renata abaixo, apesar de terem também sofrido repressão por parte das direções das escolas, que se recusaram a permitir a criação de espaços de debates, transformando a atitude dos alunos em “advertência” aos pais, e, ao mesmo tempo, numa estratégia de criminalização da greve.

Entrar em greve é receber também apoio de muita gente, inclusive alunos, que quando resolvem entrar na briga também (faltando no dia das Assembleias, criando debates e discussão de ideias, acompanhando os passos dos professores) sofrem repressão nas escolas (alguns colegas marcam provas justamente

²⁶ Uma análise sobre a greve dos professores pode ser encontrada no trabalho intitulado *A greve dos professores do Estado de São Paulo em 2015: alguns apontamentos* (SILVEIRA-FOSSALUZZA; ALMEIDA, 2015). Disponível em: <<http://sociologia-alas.org/congreso-xxx/ponencias/>>. Acesso em: mar. 2017.

²⁷ Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/16/politica/1439728675_375038.html>. Acesso em: 2015.

²⁸ Partido dos Trabalhadores.

nesse dia, algumas direções recusam os pedidos de debate dos alunos, alguns chegam a receber advertências e telefonemas para os pais), com direções e supervisões (que em maioria são cargos indicados) que nos acusam de ‘fazer a cabeça’²⁹ dos estudantes ou de ‘atrapalhar’ o aprendizado. Entrar em greve é ter que lidar com a desconfiança no principal sindicato (enquanto os outros sindicatos se reúnem secretamente com o governo no meio da greve), pois a sua presidente terminou uma greve em 2013 contra a vontade de grande parte dos professores, aceitando migalhas do governo: o fim da quarentena, um concurso público e a inclusão do ‘categoria O’ no Iamspe, dos quais o governo só cumpriu um (e mesmo assim, precariamente, pois grande parte dos professores que iriam ser chamados ainda não foi e estão trabalhando como contratados). É ter que estar com um olho no governo e outro no sindicato. E, mesmo assim, com tudo isso e apesar de tudo isso: estamos em greve. Estou em greve.

Renata está consciente dos limites do próprio sindicato ao qual está filiada. Laura, anteriormente, também demonstra esta mesma “desconfiança” em relação à instituição sindical. Renata afirma que estar em greve “É ter que estar com um olho no governo e outro no sindicato”. Essa compreensão das professoras expressa, a nosso ver, alguma consciência de classe proletária potencial (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017), pois elas reconhecem de alguma maneira os limites da luta travada por meio dos sindicatos, que se reduziram a empresas prestadoras de serviços jurídicos, a promotores de festas aos seus “associados”³⁰.

Continua Renata,

Dessa vez, tudo parece diferente das outras: tem muita gente nas redes sociais nos ouvindo (embora na imprensa tradicional tudo continue como sempre foi), nos apoiando, tem muito aluno participando, tem muito colega que disse que nunca mais parava por causa do sindicato, parado. Tem muita gente exigindo uma postura firme do sindicato, da presidente, dos partidos. Tem gente cantando ‘o professor é meu amigo, mexeu com ele, mexeu comigo’ nas Assembleias. Tem gente discutindo a importância de uma escola pública de qualidade. Por isso, dessa vez estou acreditando firmemente que ‘não tem arrego’. Escrevo este texto na véspera da negociação com o governo (que se encerrou no início da tarde de quinta-feira 23 de abril e não resultou em nenhum avanço) e da nossa importante assembleia de sexta. As definições dessa semana não apenas podem decidir o futuro da categoria de professores, mas o futuro da escola pública. Aguardemos.

²⁹ No Brasil, existe um projeto de lei polêmico denominado *Escola sem Partido*, que cerceia a liberdade de expressão dos professores, apresenta uma visão unilateral de docente, de aluno, de aula, e reduz o pensamento crítico a um posicionamento político-partidário tido como supostamente de “esquerda”. A proposta tem sido apreciada em câmaras municipais de cidades do país, e apesar de defender uma “escola sem partido”, tal projeto expressa um posicionamento de classe, político-partidário conservador e opressivo em relação à categoria dos professores. Um silêncio autoritário que se justifica por meio do “abuso da liberdade de expressão ou de ensinar” dos docentes. Proposta disponível em: <<https://www.programaescolasempartido.org/>>. Acesso em: dez. 2017.

³⁰ Uma discussão interessante sobre os sindicatos pode ser encontrada no trabalho de João Bernardo [s.d.], intitulado *Crise dos trabalhadores ou crise do sindicalismo?*. Artigo disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/4_Bernardo.pdf>. Acesso em: dez. 2017.

Este depoimento foi escrito por Renata enquanto a greve prosseguia, e já havia transcorrido em torno de um mês e dez dias de paralisação. Ao que tudo indica, a greve de 2015 pode ter sido um experiência diferente das demais, pois as redes sociais também têm influenciado de modo interessante as manifestações. Mas será realmente que “não teve arrego”? Se a forma de a greve se manifestar pode ter adquirido nuances distintas em relação aos movimentos anteriores, o que fez com que milhares de docentes retornassem às escolas?

A partir do quadro delineado, destacamos que é na greve que algum desenvolvimento da consciência de classe em si é possível, pois as contradições, constatadas e vivenciadas, especialmente, por Renata, a impulsionaram a fazer parte daquele movimento de reivindicação coletiva, porém, ao retornar à sua rotina diária, após o enfraquecimento da ação do grupo, ainda assim a consciência “individual” de Renata já não é mais a mesma de antes, pois sua subjetividade é agora mais complexa, e aquele germe de uma consciência de classe proletária potencial, expresso de algum modo em seu depoimento, continua ali, latente. Tudo vai depender, sobretudo, dos limites de sobrevivência da categoria e da classe à qual as professoras Renata e Laura pertencem, assim como da qualidade da ação e da consciência de classe que os grupos ou uma classe inteira poderão desenvolver em circunstâncias extremas. É aqui que nos deparamos, de fato, com a existência do proletariado como classe social.

Observamos que a consciência de classe proletária potencial é circunstancial, e sua formação depende dos conhecimentos adquiridos pelo indivíduo, de suas experiências vividas, e não se trata de um estado de consciência que se revela de modo absoluto no decorrer da vida de cada um, dado que isso também seria impossível, pois vivemos numa sociedade burguesa (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017).

Embora contingente a consciência de classe proletária potencial é igualmente resultado de um processo histórico, pois assim como as classes sociais, trata-se de uma categoria relacional, como mencionamos. Renata e Laura são professoras especialistas, atuam como docentes concursadas em escolas da rede pública estadual paulista, e, provavelmente, a formação inicial de ambas colaborou para que pudessem constatar parte das contradições histórico-sociais presentes em suas vidas e na de milhares de outros professores. Sem dúvida, algum componente teórico crítico enriquece o desenvolvimento da consciência de classe proletária potencial, mas não é só isso, as experiências de luta são fundamentais ao desenvolvimento desse tipo de consciência.

É importante mencionar também que esse modo de compreender o mundo em que vivem, provavelmente, influencia a práxis educativa de Laura e Renata, sua forma de ensinar os

conteúdos escolares aos seus alunos, pois através da realização de sua atividade o professor também explicita posicionamentos de classes³¹ (SILVEIRA-FOSSALUZZA, 2017).

Em síntese, estabelecemos algumas relações entre os relatos das professoras mencionadas e a possibilidade de desenvolvimento de uma consciência de classe proletária potencial. Diante de tais depoimentos, é impossível afirmar que tais docentes expressam unicamente uma “falsa consciência” (LUKÁCS, 2012). Pelo contrário, observamos que as professoras, em determinados momentos de suas narrativas, apreendem parte das contradições de sua realidade escolar, e a constatação de tais contradições pelo proletariado é algo imprescindível ao desenvolvimento de sua ação e consciência.

Ao estabelecer um contato com a realidade, observamos como as lutas de classes se reproduzem de modo particular nas escolas. É partindo do real que conseguiremos verificar com detalhes como o capital se reproduz, e por meio dos relatos evidenciamos, de alguma maneira, a reprodução desta sociedade de classes em que (sobre)vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos das professoras Renata e Laura contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, pois trouxeram à luz parte das contradições presentes no cotidiano escolar, e representam, ao mesmo tempo, uma denúncia das condições adversas em que professores da rede estadual paulista de ensino realizam suas práxis. Concluímos que constatar tais contradições é imprescindível à compreensão das categorias - consciência de classe em si e para si -, assim como para o desenvolvimento da consciência de classe proletária potencial.

Observamos que os desmandos do Estado são inúmeros, e que os docentes se encontram à deriva de si mesmos, por meio de uma categoria fragmentada, desunida, mas que ainda apresenta alguns lampejos de “lucidez”, como constatamos nos relatos de Laura e Renata. É importante que em tempos históricos, conservadores, marcados por retrocessos no âmbito político, o que ocorre de modo especial no Brasil, o proletariado contemporâneo seja conclamado à sua responsabilidade histórica tendo em vista a necessidade de superação de uma sociedade que se realiza a partir do capital, que imprime profundamente à humanidade injustiças, desigualdades e desumanização.

No decorrer deste estudo, constatamos também como as lutas de classes se reproduzem no ambiente escolar por meio do processo de complexificação da divisão social do traba-

³¹ Os professores entrevistados para a tese estão conscientes de que por meio de suas aulas expressam posicionamentos de classes e reconhecem a impossibilidade de realização de uma práxis educativa neutra.

lho em que o Estado cria possibilidades de acirramento dos conflitos sociais contrapondo professores contratados e concursados, docentes e alunos, professores e diretores, etc. Conflitos que ocorrem entre membros de uma mesma classe social.

O caso de Renata é especial porque nos evidencia, de algum modo, um processo de consciência que tem seu ponto de partida no indivíduo. E ao apreender parte de suas condições de trabalho, Renata em determinados momentos apresenta uma consciência que tende a expressar os interesses de sua classe social, o proletariado.

A professora estava esperançosa em relação aos resultados da greve, porém novamente as “negociações” entre sindicato e Estado foram vagas e sem conquistas significativas para a categoria dos docentes. Este foi o desfecho, o “balanço”, da greve realizada no ano de 2015.

Apesar disso, esse fato nos sinaliza a necessidade de discutirmos o papel das instituições sindicais em nossa sociedade, a fim de que as lutas de classes avancem e se fortaleçam. Neste caso, as vozes das professoras Renata e Laura podem ser consideradas *a voz* representante mais autêntica, não o sindicato, de toda uma categoria explorada pelas estratégias dissimuladas de um governo que não se preocupa seriamente em investir na educação escolar pública, mas que antes torna seus protagonistas “fantoques” de uma história triste de ser vivida.

E por meio de estudos voltados às políticas educacionais que se desenvolvem na América Latina, em que tais políticas formalizam as condições precárias de trabalho dos professores, parece-nos que as realidades particulares de Laura e Renata poderão ser observadas também em outros países, um estudo importante que pode vir a ser desenvolvido no futuro. Ou seja, interessa-nos saber como professores da América Latina expressam seus processos de consciência. Suas visões de mundo tendem em direção a uma consciência de classe proletária potencial, considerando suas experiências de vida, conhecimentos apropriados, valores, costumes, culturas distintas?

Em todo caso a história não para, é dialética e continua em movimento, assim como o é o processo de consciência. Aguardemos os próximos capítulos dessa história, em que a relação entre as forças produtivas e improdutivas e as relações de produção e reprodução se acirram mais e mais, e diante deste quadro, a possibilidade de um processo revolucionário é algo certo.

Referências

ALTHUSSER, L. **Posições II**. [Tradução por Manoel Barros da Motta, Maria Laura Vieira de Castro, Rita Lima]. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980. (Biblioteca de Ciências Sociais; v. 17)

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. – [2.ed., 10 reimp. ver. e ampl.]. - São Paulo: Boitempo, 2009. 287p.

_____. **Adeus ao trabalho?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. – 15.ed. - São Paulo, Cortez: 2011. 212p.

APEOESP. **Apeoesp Informe Urgente nº16**. Disponível em: <<http://www.apoesp.org.br/publicacoes/apoesp-urgente/n-16-e-greve-professores-decretam-greve-por-tempo-indeterminado/>>. Acesso em: 2015

_____. **Assédio Moral é ilegal e imoral**. Disponível em: <<http://www.apoesp.org.br/busca/assedio-moral/>>. Acesso em: out. 2016.

BERNARDO, J. **Crise dos Trabalhadores ou crise do sindicalismo**. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/4_Bernardo.pdf>. Acesso em: dez. 2017.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DUARTE, N. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões?**: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. – 1. ed. – reimpressão – Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 86).

ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em: <<https://www.programaescolasempartido.org/>>. Acesso em: dez. 2017.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. – 56. ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GUARIDO, R.; VOLTOLINI, R. **O que não tem remédio, remediado está?** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982009000100014&sa=U&ei=IQttU4K1OI2W0QWS1YGQAw&ved=0CEgQFjAHOAE&usg=AFQjCNE0HN0MfQWQP5Z8D9gLeGGoeTmMww>. Acesso em: nov. 2016.

HUMMEL, R. Sou professora. Estou em greve. E explico o porquê. Farofafá. **Carta Capital**. 23 abr. 2015. Disponível em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/2015/04/23/sou-professora-estou-em-greve-e-explico-o-porque/>> Acesso em: out. 2016.

IASI, M. L. **As metamorfoses da consciência de classe**: o PT entre a negação e o consentimento. – 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012. 584p.

_____. **Processo de Consciência**. São Paulo: CPV, 1999.

_____. **Classe e consciência de classe no Brasil**: contestação e amoldamento. In: 32º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. *Anais...* Caxambu, Minas Gerais, 2008.

_____. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. – 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LENIN, V. I. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. [introdução Henri Lefebvre e Norbert Guterman, tradução José Paulo Netto]. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LESSA, S. **Lukács**: momento predominante e transição ao comunismo. Disponível em: <http://sergiolessa.com.br/uploads/7/1/3/3/71338853/momtpredo_2012.pdf>. Acesso em: jul. 2017.

LOSURDO, D. **A luta de classes**: uma história política e filosófica; tradução Silvia de Bernardinis. – 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2015.

LUKÁCS, G.; SCHAFF, A. **Sobre o conceito de consciência de classe**. - 3. ed. – Porto: Publicações Escorpião, 1973.

_____. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. [tradução Rodnei Nascimento; revisão da tradução Karina Jamnini]. – 2. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. – (Biblioteca do pensamento moderno)

Manifestações anti-Dilma voltam às ruas do Brasil. **El País**. 19 ago. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/16/politica/1439728675_375038.html>. Acesso em: 2015.

MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **História oral como fonte**: problemas e métodos. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>>. Acesso em: mar. 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. [tradução Álvaro Pina e Ivana Jinkings]. - 1. ed. revista – São Paulo: Boitempo, 2010. 271p.

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. [tradução e introdução de Florestan Fernandes]. - 2. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008.

OLIVEIRA, D. A. **O trabalho docente na América Latina: identidade e profissionalização.** Disponível em: <<http://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2016/09/01-o-trabalho-docente-na-am%C3%A9rica-latina.pdf>>. Acesso em: dez. 2017.

_____. **Regulação das políticas educacionais na América Latina e suas conseqüências para os trabalhadores docentes.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a03.pdf>>. Acesso em: dez. 2017.

PAULO NETTO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx.** – 1. ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Governo de SP equipara aos professores temporários direito a férias e falta remunerada. Publicado no Diário Oficial, decreto regulariza atividades dos docentes categoria “O”.** Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/governo-de-sp-equipara-aos-professores-temporarios-direito-a-ferias-e-falta-remunerada>>. Acesso em: fev. 2017.

SÉRGIO SAMPAIO. Eu quero é botar meu bloco na rua. In: **Eu quero é botar meu bloco na rua.** Brasil: Philips Records, 1972.

SILVEIRA-FOSSALUZZA, J. T. **A memória-trabalho e política de professores da Educação Básica e a consciência de classe proletária potencial.** 2017. 243f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (campus Araraquara).

_____; ALMEIDA, J. L. **A greve dos professores do Estado de São Paulo em 2015: alguns apontamentos.** Disponível em: <<http://sociologia-alas.org/congresso-xxx/ponencias/>>. Acesso em: mar. 2017

THOMPSON, E. P. **A peculiaridade dos ingleses e outros artigos.** [organização Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. pp. 269-281.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis.** – 2. ed. – Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociais – Clacso, São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011. 444p.